SAÚDE MENTAL NA CIDADE: O ALERTA DE SIMMEL APLICADO A SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

Bruna Cantero Lopes Gomez, Gael David Cleto, Giovana de Andrade Borges, Paulo Roxo Barja.

[1]Grupo de Leituras da Cidade (GLC), Faculdade de Engenharias, Arquitetura e Urbanismo (FEAU), Universidade do Vale do Paraíba, Av. Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, brunalgomez05@gmail.com; gael.cleto698@univap.fve.edu.br; giovanadeaborges@gmail.com; barja@univap.br.

Resumo
O Grupo de Leituras da Cidade (GLC) tem por objetivo a leitura e o debate de textos que fundamentem uma leitura crítica de aspectos da vida na cidade. A partir deste objetivo, foi realizada a leitura do texto clássico “Metrópole e a Vida Mental do Indivíduo”, de G. Simmel, seguida de debate coletivo no grupo e pesquisa para fundamentação teórica das observações efetuadas. A pergunta norteadora do presente trabalho foi: até que ponto o texto de Simmel pode ser considerado atual e aplicável ao contexto da São José dos Campos do século XXI? Os resultados do projeto de estudos apontam para uma resposta positiva: de fato, o texto de Simmel parece inclusive se antecipar no tempo em relação a determinadas posturas assumidas por moradores nativos (os “joseenses”) e particularmente visíveis para aqueles que vêm de outras cidades com o objetivo de morar e estudar ou trabalhar no município. Conclui-se que o ritmo da cidade é determinado por seu papel em relação às cidades vizinhas, independentemente de ser ou não uma “metrópole”.
Palavras-chave: Cidade. Indivíduo. Metrópole. Saúde mental.

Área do Conhecimento: Ciências Sociais Aplicadas – Planejamento Urbano e Regional.

Introdução

Em 2026, foi criado o Grupo de Leituras da Cidade (GLC), vinculado ao curso de Arquitetura da FEAU/UNIVAP. O grupo, que realiza reuniões presenciais quinzenais, tem por objetivo a leitura e o debate de textos que permitam desenvolver uma leitura crítica, coletiva, de aspectos da vida atual no contexto urbano. A partir deste objetivo, foi realizada, entre outras, a leitura e debate do texto “Metrópole e a Vida Mental do Indivíduo”, publicado por G. Simmel em 1903.

Ao lado de Durkheim, Simmel pode ser considerado um dos fundadores da Sociologia como ciência das relações sociais (Frazão, 2026). Simmel procurou desenvolver uma obra baseada no contexto social, porém não restrita a um tempo histórico e a fatores sociais específicos. Neste sentido, alguns textos de sua autoria podem ser compreendidos como precursores da Teoria Crítica, ao promover questionamentos que, mesmo baseados na observação crítica da sociedade de sua época, o autor pretendia que fossem válidos ao longo do tempo.

Estima-se que, no século XXI, a cada quatro pessoas, uma sofrerá de problemas de saúde mental (UDMA, 2019); a questão é particularmente problemática em contexto urbano, onde tanto fatores sociais (pobreza, preconceito e violência, por exemplo) quanto ambientais (excesso de estímulos e de poluição, com redução do contato com a natureza) podem ser apontados como causas de sofrimento psíquico nas grandes cidades.

Partindo desse contexto, o objetivo do presente trabalho é retomar observações e questionamentos propostos por Simmel há mais de um século, aplicando-os a São José dos Campos (e região) no século XXI a fim de verificar sua pertinência (ou não) neste contexto.

Metodologia

A seleção do texto-base para análise foi efetuada a partir das leituras iniciais do grupo de estudos, na medida em que o texto suscitou a reflexão sobre a atualidade dos questionamentos propostos. Uma vez determinado o texto-base, procedeu-se à construção da nuvem de palavras correspondente ao texto, para identificação de palavras-chave. Utilizou-se para isso o site “WordClouds”, mantendo no gráfico todas as palavras com ao menos duas ocorrências (excetuando-se artigos e conectivos).

A leitura crítica do texto foi seguida por debate coletivo (no qual cada participante compartilhou com os demais seus pontos de destaque na leitura, a partir das anotações individuais) e pesquisa para fundamentação teórica da análise, buscando avaliar se a atualidade do texto se verifica para o contexto de São José dos Campos (e, mais propriamente, a Região Metropolitana do Vale do Paraíba). Privilegiou-se a pesquisa e leitura de autores brasileiros mais próximos da contemporaneidade para estabelecer uma análise crítica da aplicação do texto de Simmel ao contexto mencionado.

Resultados

A figura 1 apresenta a nuvem de palavras gerada (no site “Wordclouds”) a partir da íntegra do texto original de Simmel.

Figura 1 – Nuvem de palavras referente ao texto-base analisado no presente trabalho.



Fonte: elaborado pelos próprios autores a partir do site “WordClouds” (www.wordclouds.com).

Observa-se que a palavra central do texto é “vida”, circundada por outras palavras-chave significativas como “cidade”, “metrópole”, “homem”, “forma”, “indivíduo”, “dinheiro” e “atitude”.

No entanto, uma vez que o texto de Simmel, publicado no início do século passado, aborda “a vida mental na metrópole”, coloca-se inicialmente a pergunta: a que tipo de cidade Simmel se referia ao mencionar a palavra “metrópole”? O autor faz referência a duas cidades, que assim tomamos como referência: Paris e Londres. Neste ponto, para estabelecer o contexto da época, buscamos dados demográficos do início do século XX (o texto de Simmel foi publicado em 1903) para que seja possível dimensionar as transformações observadas pelo autor.

Em Paris, a população parisiense passou de 2.477.957 habitantes em 1891 para 2.714.068 em 1901 (Chevalier, 1958; University of California Press, [s.d.]), acompanhada por forte expansão da população ativa e crescente extensão dos espaços periféricos. Em Londres, o Censo de 1901 registrou aproximadamente 4.536.267 habitantes no County of London e 6.581.402 na Grande Londres (Great Britain, 1911a; 1911b); na mesma época, a City of London (região central) possuía apenas 26.923 residentes (Great Britain, 1911b), expondo a transformação do centro em um espaço predominantemente empresarial e comercial e a expansão das áreas residenciais para a periferia.

É interessante observar que, do início do século XX ao início do século XXI, Paris teve redução no número total de habitantes, enquanto Londres manteve população aproximadamente estável,

sinalizando para o fato de que as grandes mudanças demográficas nestas cidades de fato ocorreram na passagem do século XIX para o século XX.

Uma informação adicional relevante sobre Paris: já em 1900 (e até hoje), a população da metrópole era composta, em sua maioria, por cidadãos vindos de outras localidades (Brée; Popp, 2025), o que se configura como uma característica adicional da “cidade grande”.

No Brasil, São Paulo possuía 64.934 habitantes em 1890, mas chegou a 239.820 em 1900 (São Paulo, [s.d.]), praticamente quadruplicando sua população em apenas uma década, à medida que a industrialização avançava, especialmente nos setores têxtil e fabril.

Embora São José dos Campos esteja muito distante da escala dessas metrópoles, atualmente a cidade apresenta características que permitem retomar a reflexão de Simmel. O Censo de 2022 registrou 697.054 habitantes, sendo 681.842 residentes na área urbana. A cidade possui 1.099,61 km², e a região central concentra 72.401 habitantes, correspondendo a apenas 10,39% da população municipal. No mercado de trabalho, havia 252.394 pessoas ocupadas em 2022, sendo aproximadamente 56% homens e 44% mulheres.

Discussão

Abrimos aqui espaço para a discussão: do ponto de vista do seu entorno, seria São José dos Campos uma cidade grande, assumindo talvez em sua região o papel de metrópole imaginado por Simmel? Entendemos que sim: apresentando forte infraestrutura em áreas como a de Saúde e sediando um grande polo tecnológico e diversas instituições de pesquisa qualificadas, o município absorve demandas de muitas cidades menores da Região Metropolitana do Vale do Paraíba, inclusive por sua localização estratégica, central, na região.

Ao compararmos São José do Campos com as metrópoles analisadas por Simmel, ainda que haja uma evidente diferença na escala demográfica, observa-se também aqui uma progressiva transformação de município rural para urbano, o que por si altera a relação do cidadão com a cidade. Paris, Londres e São Paulo passaram por processos de crescimento populacional, especialização do trabalho, expansão territorial e intensificação da circulação. São José dos Campos, por sua vez, foi se constituindo em torno do conceito de cidade urbana e tecnologicamente especializada, na qual indústria, serviços, deslocamentos e comunicação formam grande parte da experiência cotidiana. Assim, os estímulos do início do século XX, que vinham sobretudo das multidões, fábricas, comércio, transportes e relógios urbanos ganharam uma fachada mais moderna no século XXI, porém a essência do que originou isso segue na atualidade.

A forte presença de moradores vindos de outras cidades é um dos traços mais marcantes que aproximam São José dos Campos da dinâmica das grandes metrópoles descritas por Georg Simmel. Assim como Paris, onde a maioria da população era composta por migrantes de outras localidades, São José dos Campos também atrai muitos estudantes, trabalhadores e até pessoas em busca de tratamento médico especializado. Além da infraestrutura e dos serviços oferecidos, a cidade possui uma localização que atende facilmente pessoas dos municípios vizinhos; assim, diversos moradores destes municípios passam todos os dias por São José, e muitos acabam mudando-se para esta cidade.

Observando os municípios da Região Metropolitana do Vale do Paraíba, pode-se dizer que, ainda hoje, cidades de pequeno porte apresentam menor grau de urbanização e maior senso de comunidade, privilegiando os contatos ditos primários, com maior vínculo afetivo. Por outro lado, a metrópole funciona em outra escala: paradoxalmente, o aumento da população acaba afastando os cidadãos uns dos outros (aumentando contatos secundários e reduzindo os contatos primários); consequentemente, favorece o individualismo. Como isso aparece no texto de Simmel? Uma análise crítica da Figura 1 permite notar que, ao descrever a vida na metrópole, Simmel destaca palavras como “homem”, “indivíduo”, “individual” e “individualidade”; enquanto palavras como “social” e “sociedade” aparecem com frequência bem menor. O texto parece atual nesse sentido.

Além disso, no artigo de Simmel, o surgimento de uma metrópole caracteriza-se pelo adensamento demográfico, vinculado à aceleração do processo de industrialização. O espaço passa a ser demarcado em função da economia monetária (observe-se, na Figura 1, a presença da palavra “dinheiro” em destaque). Para Simmel, em sua análise das transformações psíquicas provocadas pela modernização urbana, a metrópole é o surgimento da intensificação dos estímulos, aceleração do cotidiano, pela divisão e especialização do trabalho e pelo forte senso de impessoalidade nas relações sociais. Em meio a esse “novo mundo”, o indivíduo se torna (mais) intelectualizado e seu discurso passa a valorizar a liberdade. Por outro lado, a população desenvolve progressivamente um mecanismo de defesa contra

os múltiplos estímulos urbanos: um distanciamento, uma indiferença tanto em relação a outras pessoas quanto em relação ao meio ambiente.

Simmel utiliza a expressão “atitude blasé” para descrever o comportamento do cidadão que desenvolve certa frieza em relação a acontecimentos do cotidiano da cidade grande, como a ocorrência de acidentes de trânsito, a presença de moradores de rua e outros fatores que passam a ser vistos como “normais” ou “naturais” por parte dos habitantes do local. Essa indiferença, que Simmel chama de “blasé”, surge como proteção contra os efeitos do ambiente e da coletividade sobre o indivíduo, em nome de uma (suposta) liberdade individual.

As grandes cidades do Brasil atual não fogem desse padrão: Maricato menciona, por exemplo, uma indiferença institucionalizada - e vai além:

> A metrópole brasileira contemporânea é marcada por uma profunda dualidade: o centro corporativo e hiperconectado convive com uma vasta periferia informal e desprovida de direitos básicos, onde a segregação socioespacial é a principal forma de controle territorial (Maricato, 2003, p. 153).

Por outro lado, pode-se perguntar até que ponto seria São José dos Campos realmente grande, quando comparada, por exemplo, a São Paulo. Entendemos que o olhar para a cidade é relacional: quem vem de uma metrópole como São Paulo percebe de modo claro certo "provincianismo de cidade do interior" no município de São José dos Campos. No entanto, para quem vem de cidades menores, São José exibe características de cidade grande, como a citada frieza dos moradores e um ritmo compreendido como "acelerado".

Podemos compreender São José dos Campos mais propriamente como um projeto de metrópole, onde ainda se encontra por vezes o pensamento e o modo de agir comuns à cidade pequena; onde ainda é possível, portanto, encontrar (em certos bairros e contextos) o senso de uma verdadeira comunidade tradicional.

Na transição de cidade para metrópole, o homem urbano se distância cada vez mais dos hábitos rurais, já que seus atos são reduzidos a resultados numéricos e ultra racionalizados. Em seu estudo sobre a transição de São José dos Campos de cidade-estância para metrópole tecnológica, Vianna comenta que a vida metropolitana tem um ritmo acelerado dos acontecimentos, gerando uma "intensificação da vida nervosa”; segundo o autor, "tempos sociais na cidade passaram a ser regidos pela velocidade e instantaneidade das ordens, das informações e das práticas cotidianas" (Vianna, 2010 *apud* Souza, Santos, 2013, p. 80). O ritmo que Simmel via no motor industrial do início do século XX passa então a ser percebido na São José dos Campos do século XXI.

Toda a movimentação externa, o ritmo da rotina durante a semana comum (ir e vir do trabalho, faculdade, mercado, creche) em algum momento leva o cidadão a se questionar: “Quem eu sou”, “Será que o que eu faço tem me definido?”, “Será que o movimento constante gera uma sensação de preenchimento?”, “Será que eu preciso constantemente estar fazendo/produzindo algo para eu ser alguém, ser um cidadão?”.

A metrópole é um conjunto de fatores sociais, econômicos, objetivos, subjetivos e psicológicos; reúne indivíduos muito diferentes e grupos diversos para o trabalho e a convivência comum. Os questionamentos individuais fazem com que a procura por psicólogos e terapias cresça para ajudar a lidar com a vida cotidiana, em que o ritmo acelerado (característico da cidade grande) é a causa de tantos dilemas humanos. À medida que São José dos Campos possa ser considerada (ainda) uma cidade em transição, resta a possibilidade de preservar as atitudes mais comunitárias ainda encontradas em cidades menores, para fortalecer vínculos humanitários e evitar que se caminhe rumo a uma postura de indiferença.

Conclusão

O texto escrito por Simmel levanta, há mais de um século, questionamentos a respeito da saúde mental do cidadão metropolitano, destacando (paradoxalmente) certo individualismo/isolamento que surge paradoxalmente a partir do aumento do número de habitantes, com o desenvolvimento progressivo de certa indiferença em relação aos demais cidadãos. Com a transição de cidade sanatorial para polo tecnológico, percebe-se que o “ritmo” da cidade acaba sendo determinado por seu papel em relação às cidades vizinhas, independentemente de ser ou não uma metrópole no sentido estrito do termo. Os resultados do estudo realizado indicam que o texto de Simmel parece inclusive se antecipar

no tempo em relação a determinadas posturas assumidas por moradores nativos (os “joseenses”) e particularmente visíveis para aqueles que vêm de outras cidades com o objetivo de morar e estudar ou trabalhar no município.

Referências

BRÉE, Sandra; POPP. Paris, il y a 100 ans : une population plus nombreuse qu’aujourd’hui et déjà originaire d’ailleurs. **Population & Sociétés**, v. 636, n. 9, p. 1-4, 19 set. 2025. Disponível em: https://www.ined.fr/en/publications/editions/population-and-societies/paris-hundred-years-ago-more-people-than-today-and-mostly-born-elsewhere. Acesso em: 24 ago. 2026.

CHEVALIER, Louis. **Classes laborieuses et classes dangereuses à Paris pendant la première moitié du XIXe siècle**. Paris: Plon, 1958.

FRAZÃO, D. Georg Simmel - EBiografia. Disponível em: https://www.ebiografia.com/georg_simmel/. Acesso em: 13 ago. 2026.

GREAT BRITAIN. Census Office. *1911* **Census: General Report with Appendices. Table 9: Population, 1891, 1901 and 1911, in the 97 towns with populations exceeding 50,000 persons.** London: His Majesty’s Stationery Office, 1911a.

GREAT BRITAIN. Census Office. **1911 Census: Preliminary Report**. London: His Majesty’s Stationery Office, 1911b.

MARICATO, Ermínia. Metrópole, legislação e desigualdade. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n. 48, p. 151-166, maio/ago. 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ea/a/bc6fLzN6d9YRtPz98Jk7V5y/. Acesso em: 20 ago. 2026.

SÃO PAULO (Município). Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento. **Histórico demográfico do Município de São Paulo: população nos anos de levantamento censitário**. São Paulo: SMUL, [s.d.].

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). **Mana**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 577-591, 2005.

SOUZA, Fernando; SANTOS, Rodrigo. Análise das relações entre as paisagens construídas e representações sociais em São José dos Campos. **Urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana**, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 73-87, jul./dez. 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/j/urbe/a/3yM5f4yF59g9wWkJv4CmLxQ/. Acesso em: 20 ago. 2026

UDMH. **How the city affects mental health**. 2019. Disponível em: https://www.urbandesignmentalhealth.com/how-the-city-affects-mental-health.html. Acesso em: 25 set. 2026.

UNIVERSITY OF CALIFORNIA PRESS. **The Rise of the Paris Red Belt.** Berkeley: University of California Press, [s.d.].

Agradecimentos

Agradecemos o apoio da coordenação do Curso de Arquitetura da Univap e da direção da Faculdade de Engenharias, Arquitetura e Urbanismo (FEAU) da Univap.